

# Contribuições do racionalismo crítico de Karl Popper para a filosofia política e social contemporânea

*Geraldo das Dôres de Armendane<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo apresenta as contribuições do *racionalismo crítico* popperiano ao debate filosófico político e social contemporâneo. O filósofo Karl Popper busca fundamentar o seu pensamento na tradição humanitária racionalista grega de inspiração socrática. Sócrates representa, para o filósofo austríaco, o *ícone* da liberdade de pensamento, da atividade crítica da razão e da defesa dos valores humanitários da democracia ateniense. Para tanto, em primeiro lugar, (a) trataremos da crítica popperianas às utopias, consideradas pelo filósofo austríaco como nocivas e perigosas quando se busca realizá-las no reino humano da atividade política; em segundo, (b) apresentaremos as críticas de Popper ao programa utópico do Estado Ideal de Platão; em terceiro, (c) analisaremos as críticas de Popper ao historicismo de Hegel e Marx e a ressonância do pensamento desses pensadores historicistas nos sistemas totalitários do século XX e, por fim, (d) trataremos das contribuições da idéia de mecânica social gradual de Popper frente à mecânica social utópica.

**Palavras-chave:** Racionalismo Crítico – Utopia – Sociedade Aberta – Dinâmica Social Gradual – Dinâmica Social Utópica.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ética e Epistemologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Está sob orientação da Professora Dra. Maria Cristina de Távora Sparano. E-mail: g5armendane@yahoo.com.br

## Considerações iniciais

Somente numa sociedade aberta ao diálogo e ao debate, ou seja, numa sociedade afeita à argumentação racional crítica, sem violência e agressão<sup>2</sup>, é que o progresso científico e o avanço social e político tornam-se viáveis. Desse modo, Popper busca rechaçar toda forma de violência e agressão imposta às relações sociais e políticas dos seres humanos, salientando que a razão crítica é a única forma de combater a violência e a brutalidade. Para isto é necessária uma atitude humana de reciprocidade.

Este artigo busca esclarecer as críticas de Popper, presentes em sua obra *A sociedade aberta e seus inimigos*, às concepções políticas utópicas e historicistas de Platão, Hegel e Marx. Para isto, em primeiro lugar, trataremos de analisar as críticas popperianas à orientação política que ele denomina de *utopismo* como nociva e perigosa para o exercício da atividade social e política humana; em segundo, explicitaremos as críticas do pensador austríaco ao programa utópico do Estado Ideal de Platão; em terceiro, analisaremos as críticas de Popper ao pensamento historicista de Hegel e Marx e a ressonância do pensamento desses filósofos nos programas dos governos totalitários do século XX; em seguida, apresentaremos as contribuições do pensamento político e social do filósofo austríaco ao que ele chama de mecânica social utópica. Por fim, apresentaremos as nossas conclusões e considerações finais.

## As críticas de Popper às utopias

Popper observa que os projetos utópicos que se apresentam atraentes para muitos não passam de idéias perigosas e nocivas quando se busca aplicá-los ao reino humano da política. Esse fascínio pelo ideal utópico, segundo o pensador austríaco, resulta da falta de compreensão

<sup>2</sup> Segundo Popper, um racionalista crítico deve se esforçar por chegar às decisões por meio de argumentos, mas nunca recorrendo à violência. Deve ser uma pessoa que prefere não ser bem sucedida em sua tentativa de convencer alguém, a ser bem sucedida em dominar esse alguém por meio da violência, da intimidação e da ameaça, ou por meio da persuasão recorrendo à propaganda (cf. POPPER, *O racionalismo crítico na política*, p. 4).

quanto à impossibilidade de realização do ‘céu sobre a terra’. A noção de ‘bem ideal’, de ‘sociedade perfeita’, de ‘sociedade sem classes’, não passam de idéias abstratas. Estes ideais só podem ser conhecidos por meios dos sonhos, dos poetas ou dos profetas. Eles são anunciados em alta voz, mas não podem ser discutidos, pois carecem de racionalidade crítica.

O utopismo aparece sob o disfarce de racionalismo, mas na realidade, por seu caráter dogmático e acrítico, não passa de um pseudo-racionalismo. O utopismo trabalha com a determinação de objetivos e metas definitivas. A ação política, os objetivos e as metas parciais são apenas passos no longo caminho para o objetivo definitivo que é o Estado Ideal ou a Sociedade Perfeita.

Segundo Popper, o utopismo por seu caráter acrítico e dogmático leva facilmente ao recurso à violência e a intolerância. Em nome de um ‘bem maior’, de um ‘bem universal’, toda ação política, bem como os objetivos, as metas e o próprio ser humano tornam-se meios para atingir o objetivo definitivo, a meta final. Muitas guerras se travaram por uma religião de amor e de bondade; muitas pessoas foram queimadas vivas na boa intenção de livrar as suas almas do fogo eterno do inferno.

O utopista é a pessoa que tem de antemão um modelo de sociedade ideal e que procura realizar os seus ideais e, ao buscar implantar um projeto utópico numa sociedade marcada pelas diferenças entre os grupos humanos que, por sua vez, possuem interesses, opiniões e objetivos divergentes, resultará em conseqüências perigosas e nocivas aos seres humanos, pois todos aqueles que não se enquadrarem em tal projeto de sociedade perfeita serão eliminados. Popper cita as religiões utópicas como exemplo:

E entre as diferentes religiões utópicas não há lugar para a tolerância. Pois os objetivos utópicos destinam-se a servir como base para atuação política racional e para a discussão; e essa ação só parece possível quando se decidirem finalmente os objetivos. O utopista tem de procurar convencer os concorrentes que não compartilham dos seus próprios

objetivos e que não se declaram partidários da sua própria religião utópica; se não o conseguirem, têm de procurar submetê-los recorrendo à violência. Mas têm de fazer ainda mais. Têm de exterminar pela base todas as opiniões heréticas e concorrentes. Pois é longo o caminho para o projeto utópico. Assim, a racionalidade da atuação política permite que se encontrem medidas para manter constante o objetivo ao longo de um período de tempo extenso. Mas isso só se pode conseguir não apenas reprimindo as religiões utópicas concorrentes, mas ainda sufocando, tanto quanto possível, a lembrança delas<sup>3</sup>.

O mesmo se aplica às revoluções sociais utópicas, assim como à atividade científica. As ideologias revolucionárias utópicas socialistas como da Revolução Russa ou burguesas como da Revolução Francesa, recorreram à prática da violência para impedir a alteração no estabelecimento de seus objetivos definitivos. Isto ocorreu, segundo Popper, por meio da propaganda, da supressão da crítica e da abolição de toda a oposição.

Essa crítica, segundo Popper, vale também para o conhecimento científico. A máxima de Bacon de que “Saber é poder” e a do “Domínio dos sábios” de Platão são formas de expressão desta mesma atitude que baseia a sua exigência da posse de uma inteligência superior. Para o pensador austríaco, o falso racionalismo se encanta também com a idéia de criar máquinas gigantescas e mundos sociais utópicos<sup>4</sup>.

Por fim, Popper salienta que podemos evitar o recurso à violência se permanecermos fiéis às nossas atitudes racionais críticas em nossas relações sociais e políticas. Para isto, temos que abandonar a nossa posição dogmática e autoritária no âmbito da opinião, tendo uma atitude de dar e receber (*take and give*). Desse modo, estaremos prontos para aprender com os outros e sermos tolerantes.

3 POPPER, *O racionalismo crítico na política*, p. 8.

4 POPPER, *O racionalismo crítico na política*, p. 12.

### **As críticas de Popper ao projeto utópico do Estado ideal de Platão**

Em sua crítica dirigida aos projetos utópicos, Popper elege o programa do Estado Ideal de Platão como alvo de duros ataques. O pensador observa que o projeto de governo concebido pelo filósofo grego na *República* é totalitário e anti-humanitário. Platão é influenciado, segundo o pensador austríaco, pelo ideal historicista do mundo grego antigo, que tem em Heráclito de Éfeso (séc. VI-V a.C.), o seu maior representante. Heráclito viveu num período histórico de grandes transformações no interior da civilização grega pré-socrática, marcado pela passagem de uma sociedade tribal, cuja vida social era regida por tabus sociais e religiosos, na qual cada um tinha o seu lugar marcado na sociedade e cada um sentia que esse lugar lhe era adequado<sup>5</sup>, para uma sociedade aberta e humanitária. Essa tensão civilizatória grega que teve início no (séc. VI a.C.), marcou profundamente o historicismo heraclítico que dava excessiva ênfase à mudança, ou seja, à idéia de fluxo universal de todas as coisas.

Platão, por sua vez, volta-se contra o princípio de mudança de Heráclito. Como filho da aristocracia ateniense, o filósofo grego viveu num período de grandes transformações políticas e sociais, período histórico que correspondeu ao sistema democrático de Atenas. Com isto, o filósofo grego passou a alimentar um imenso desprezo à democracia ateniense. Esta hostilidade se acentuou mais ainda após a condenação de Sócrates, o seu mestre maior, à morte. Pereira observa que:

Para Platão, um sistema político que condena Sócrates deve estar inevitavelmente errado; um homem como Sócrates se encontrará impotente em tal Estado e a política não seguirá um bom curso enquanto no Estado não houver uma reforma que o coloque conforme a sabedoria. Desta maneira, se faz necessário o desenvolvimento de uma filosofia que esteja estreitamente ligada à pedagogia e que termine por viabilizar que os chefes do futuro sejam filósofos<sup>6</sup>.

5 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 1, p. 26.

6 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, p. 107.

Platão, segundo Popper, tratou de estender o historicismo heraclitiano à noção de um estado perfeito e imutável. O filósofo grego buscou fundamentar a sua crença historicista da imutabilidade na doutrina metafísica das Idéias ou Formas perfeitas. A concepção das idéias em Platão, não significa ‘idéia de nossa mente’ ou fantasma, nem é uma fantasia ou um sonho, mas uma coisa real, uma coisa perfeita que não é perecível ou corruptível. O filósofo austríaco observa ainda que estas idéias, além de imperecíveis ou incorruptíveis, são também perfeitas, verdadeiramente reais e boas, anteriores às suas cópias, às coisas sensíveis.

De acordo com Popper, o estado ideal de Platão, que tem sido costumadamente interpretado como um programa progressista, não passa de um projeto reacionário. Segundo este modelo de estado, toda mudança é tida como maléfica e o repouso, por sua vez, divino. Por isto, para fazer do estado cópia exata de seu modelo original, que são as Formas ou Idéias perfeitas, a mudança deve ser detida. Com isto, Platão volta ao seu estado original, ao estado de seus antepassados, o estado do patriarcado tribal, anterior à Queda<sup>7</sup>, ao estado do governo de classes dos poucos sábios sobre os muitos ignorantes.

Popper acredita que o programa do estado ideal de Platão vem de uma exigência totalitária na medida em que Platão defende: **(a)** a estreita relação entre as classes sociais; **(b)** a identificação do destino do estado com a da classe dirigente; **(b)** o monopólio das virtudes e o treinamento militar pela classe dominante; **(c)** a censura de todas as atividades intelectuais; **(d)** a auto-suficiência do estado; **(e)** o desejo ardente por Bondade, Beleza, Sabedoria, Verdade e; **(f)** o governo dos poucos sábios sobre os muitos ignorantes. Popper observa que o conceito de justiça de Platão, que significa “aquilo que é do interesse do estado melhor”, representa o interesse do estado perfeito em deter qualquer mudança por meio de uma rígida divisão de classes e do governo nas mãos dos sábios. Segundo o filósofo austríaco, isto só vem corroborar a idéia de que o modelo do estado ideal platônico, longe de ser moralmente superior ao totalitarismo, identifica-se com ele.

7 Aqui, Popper faz alusão à queda do tribalismo, ou seja, à passagem de um modelo de sociedade fechada na Grécia pré-socrática e a ascensão da sociedade aberta, a democracia ateniense. POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 1, p. 191.

Para Popper, o individualismo unido ao altruísmo, representa o âmago de todas as doutrinas que dão sustentação à civilização ocidental, e constitui também a doutrina central do cristianismo, pois foi o próprio Cristo que nos Evangelhos afirma que devemos “amar a nosso próximo”, e não “a nossa tribo”. O princípio do individualismo, segundo o filósofo austríaco, tornou-se alvo de críticas de Platão, que sutilmente o associa à idéia de egoísmo. Por outro lado, o coletivismo representa para o filósofo grego a única alternativa compatível com o truísmo. Platão, ao atacar a idéia de igualdade, de individualismo, na realidade, estava escolhendo como inimigo o projeto democrático ateniense da Grande Geração<sup>8</sup> de Péricles.

Em contraposição à sociedade fechada de Platão, Popper propõe um modelo de Sociedade Aberta. Isto implica necessariamente um Dualismo Crítico, ou seja, numa distinção entre Natureza e Convenção. Para o filósofo austríaco, normas, leis morais e padrões sociais, são produtos do homem, ou seja, do “mundo 3”<sup>9</sup>. Desse modo, cabe ao próprio ser humano observá-las ou alterá-las. Com isto, Popper compartilha com a tese kantiana de que a nossa liberdade nos torna responsáveis por nossas escolhas e decisões e que os padrões morais, as normas e as decisões humanas não se constituem de uma derivação lógica e dedutiva dos fatos, mas pertencem aos fatos. Por exemplo, é fato que muitos homens têm preconceito racial, mas que podemos, por meio da legislação, diminuir as suas conseqüências. É fato também que muitos homens não são iguais, mas que podemos lutar por seus direitos<sup>10</sup>.

Finalmente, Popper salienta que uma filosofia política e social que busca a construção de uma Sociedade Aberta não deve ter como questão central a pergunta platônica “Quem deve governar?”, mas uma per-

8 Segundo Popper, a Grande Geração é representada por Protágoras, Demócrito, Górgias, Acidantas, Licofronte, Antístenes, Sócrates e Péricles. Estes homens representam a grandeza da sociedade aberta, a democracia ateniense. POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 1, pp. 201-202.

9 Popper distingue o “mundo 3” do “mundo 1”, o mundo dos estados físicos; do “mundo 2”, mundo dos estados mentais e conscientes. O “mundo 3”, segundo o filósofo austríaco, é produzido pelo homem, mas é não um mundo inteiramente consciente, e não é também uma mera “projeção” ou “expressão” do mundo 2, ele tem a sua autonomia. Cf. SHILPP, *The Philosophy of Karl Popper*, p. 1157.

10 SHILPP, *The Philosophy of Karl Popper*, pp. 1153-1664.

gunta radicalmente diferente “Como governar?”, ou seja, “como redigir uma constituição, de forma que possamos nos livrar de um governo sem violência?”. Com isto, Popper busca exaltar as sociedades liberais, nas quais valores como liberdade, igualdade e tolerância não são considerados artigos de luxo, mas condições para que um país possa chegar a uma sociedade democrática depois de ter alcançado certo estágio de desenvolvimento<sup>11</sup>.

### As críticas de Popper ao historicismo de Hegel e Marx

O projeto utópico, segundo Popper, está presente no pensamento historicista, ou seja, na crença acerca da origem e do destino inexorável do povo escolhido, da raça eleita, da sociedade sem classes. O historicismo teve a sua origem no mundo Grego Antigo, notadamente a partir de Heráclito, com a idéia do fluxo universal de todas as coisas e depois com Platão, com a sua crença imobilista em um Estado Ideal. Na filosofia contemporânea, Hegel e Marx são os maiores representantes dessa corrente de pensamento. O pensamento historicista de Hegel e de Marx parte da idéia de que os indivíduos humanos não podem deter a marcha da história. Mesmo quando se trata de criatividade individual, a pessoa é envolvida pelo espírito de seu tempo, é arrebatada para dentro da história<sup>12</sup>. Assim como ocorreu com o pensamento historicista platônico, Popper deferiu duros ataques ao historicismo de Hegel e de Marx.

### As críticas ao historicismo totalitário de Hegel

Segundo o filósofo austríaco, a significação histórica de Hegel não passa de um ‘elo perdido’ entre Platão e as formas modernas de totalitarismo e, além disto, o pensamento hegeliano representa o ressurgimento do tribalismo<sup>13</sup>. Em seguida, Popper apresenta uma série de

11 EDMOND & EIDNOW, *O atizador de Wittgenstein*, p. 251.

12 MAGEE, *História da filosofia*, pp. 159-160.

13 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, p. 37.

passagens da filosofia de Hegel que, em consonância com o pensamento de Frederico Guilherme II, Rei da Prússia, busca exaltar o Estado, segundo uma visão platônica totalitária:

(...) “O Universal se encontra no Estado”, escreve Hegel. O Estado é a idéia Divina tal como existe na terra... Devemos, portanto, adorar o Estado como a manifestação do Divino sobre a Natureza, infinitamente mais árduo será apreender a Essência do Estado... O Estado é a marcha de Deus pelo mundo... Ao Estado completo pertencem, essencialmente, a consciência e o pensamento. O Estado sabe o que quer... O Estado é real; e... a verdadeira realidade é necessária. O que é real é eternamente necessário... O Estado existe... em razão de si mesmo. O Estado é o que efetivamente existe, a vida moral realizada. (...) <sup>14</sup>

Hegel, segundo Popper, conheceu o totalitarismo platônico por intermédio de Aristóteles. A teoria metafísica aristotélica sobre o movimento, ao contrário da de Platão, que compreendia o movimento como corrupção, buscava conceber o movimento como a manifestação da essência das coisas. Dessa concepção aristotélica acerca do movimento resultaram três conseqüências para o historicismo hegeliano: **I.** O movimento revela a essência das coisas e, para conhecê-lo, devemos conhecer a sua história; **II.** O movimento que revela a essência das coisas é inexorável e isto implicará a existência do Destino; **III.** A essência somente é quando se atualiza<sup>15</sup>.

Para Popper, as idéias de Hegel que parecem ininteligíveis ao comum dos mortais e que ganham importância fundamental na filosofia contemporânea, devem-se especialmente ao fato de ter Hegel construído um sistema filosófico que constitui a ideologia totalitária do Estado moderno, resgatando-se assim o totalitarismo platônico, como contraposição aos ideais da Sociedade Aberta e buscando recriar a adoração pela História, pelo Estado e pela Nação. Com isto,

14 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, p. 38.

15 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, pp. 121-122.

Hegel repetiria, contra a Revolução Francesa, a mesma reação intelectual de Platão contra o movimento racionalista grego de inspiração socrática<sup>16</sup>. Popper observa que quase todas “as idéias mais importantes do totalitarismo moderno são diretamente herdadas de Hegel”<sup>17</sup>, pois o filósofo alemão aplicou a doutrina heraclitiana da identidade dos opostos à idéia de Estado Nação como Espírito em sua racionalidade substantiva e efetividade imediata. O nacionalismo hegeliano, de acordo com Popper, concebe o Estado como encarnação do Espírito que está destinado a dominar o mundo, segundo as modernas doutrinas totalitárias. O Estado é antes de tudo o Sangue, o Povo e a Raça. Só as raças superiores têm o poder de criar Estados que sejam capazes de impregnar e controlar a vida inteira dos povos em suas funções<sup>18</sup>, de proteger o que deve ser considerado verdade objetiva frente à opinião subversiva.

Por fim, Popper afirma que Hegel não só desenvolveu a teoria historicista e totalitária do Estado moderno, mas que também previu claramente as possibilidades psicológicas deste estado. Isto se faz presente no desejo dos homens de encontrar o seu lugar definitivo no mundo e de pertencer a um poderoso corpo coletivo<sup>19</sup>. Segundo Popper, a noção de Estado em Hegel, inerente à doutrina do ‘Grande Líder’ ou ‘Personagem Histórica Mundial’ como encarnação da Razão, “faz apelo a nossos instintos habituais, à paixão e ao desejo e ao preconceito e a nosso desejo de ser aliviados da tensão da responsabilidade coletiva ou de grupo”. Com isto, de acordo com o filósofo austríaco, Hegel fez o nacionalismo retornar ao campo reacionário em que Platão asseverou na *República*, ao defender o modelo do estado ideal<sup>20</sup> tornando a revolta contra a Sociedade Aberta um movimento de massa concretizado no século XX pelo nazi-fascismo<sup>21</sup>.

16 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, p. 122.

17 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, p. 69.

18 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, pp. 70-71.

19 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, pp. 71-72.

20 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, p. 109.

21 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, p. 125.

### As críticas ao historicismo econômico e utópico de Marx

Embora Popper reconheça a sinceridade do pensamento humanitário de Marx e de sua tentativa de aplicar os métodos racionais na análise da realidade social<sup>22</sup>, não deixou de observar os equívocos de seu historicismo econômico e de seu “profetismo” em relação ao determinismo histórico de uma sociedade sem classes, de uma sociedade socialista.

Segundo Popper, Marx considera que todas as relações sociais humanas só ganham significação histórica e científica na medida em que as pessoas são afetadas pelos processos dos meios de produção<sup>23</sup>. Desse modo, os pensamentos e as idéias dos seres humanos teriam que ser explicados por meio da redução às condições materiais e econômicas em que vivem<sup>24</sup>. Numa passagem do *Capital*, Marx critica a dialética hegeliana ressaltando que ela está de cabeça para baixo e que deve ser virada do modo certo, ou seja, colocada de cabeça para cima. Com isto, o filósofo alemão deseja mostrar que o pensamento ou o ideal representado pela ‘cabeça’, nada mais é do que o mundo material transposto e transladado para dentro da cabeça humana<sup>25</sup>. Em outra passagem do *Capital*, Marx considera que o lado material e econômico dos meios produção e consumo, nada mais é do que uma extensão do metabolismo humano, e em oposição a Hegel sustentou que a chave da história do pensamento humano deve ser procurada no desenvolvimento das relações entre o meio natural e mundo material que circunda o ser humano e não em sua vida espiritual. Aí está, segundo Popper, a razão porque podemos qualificar o historicismo de Marx de economismo<sup>26</sup>.

Para Popper, a redução do ser humano por parte de Marx às condições econômicas, ou seja, ao desenvolvimento dos meios físicos de produção, é uma doutrina falsa, porque existe sim interação entre os aspectos econômicos e as idéias e não uma mera dependência unilateral do pensamento humano para com as condições materiais econômicas.

22 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, p. 132.

23 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, p. 112.

24 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, p. 114.

25 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, p. 59.

26 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, p. 112.

Com isto, a interpretação materialista de Marx não pode ser levada a sério<sup>27</sup>. Esse reducionismo materialista marxista quando aplicado às normas morais, postura denominada de “Convencionalismo ingênuo”, se constituirá numa posição perigosa dentro da ética, pois:

Se as normas morais forem reduzidas aos fatos e se constituírem num “fato”, como por exemplo, a de que todos os seres humanos são iguais, teremos uma ética igualitária. Se, ao contrário, constatarmos que os homens não são iguais, a desigualdade seria legitimada, ou seja, a mesma lógica que fundamenta a igualdade poderia legitimar, por exemplo, o Nazi-fascismo e o Stalinismo, que nega ao homem o direito à diferença.

Se as normas morais decorrem dos fatos, significa dizer que elas devem simplesmente ser aceitas, uma vez que nenhuma ação humana poderá desautorizá-las. Se isto ocorrer, nenhum tipo de ação dos indivíduos pode ser responsabilizada e contemplada na ética. A ação ética decorrerá simplesmente da variação dos fatos e da evolução histórica, tendo neles, seu padrão de objetividade<sup>28</sup>.

Para Marx, o historicismo econômico consiste num método a ser aplicado à análise das mudanças na sociedade. Ligada ao historicismo econômico, outra posição historicista de Marx, criticada por Popper, é a visão utópica de que uma *revolução social* resultaria numa sociedade socialista. Segundo esta crença historicista, a história humana caminha necessariamente para uma sociedade sem classes. Este profetismo de Marx se fundamenta no seguinte raciocínio:

O modo de produção capitalista apresenta uma tendência insuperável para a concentração de riqueza em um número cada vez menor de mãos, e o conseqüente aumento da miséria da classe trabalhadora. O resultado seria uma pressão social insuportável, geradora de uma revolução social; essa sendo vitoriosa acabaria por instau-

27 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, pp. 115-117.

28 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, p. 139.

rar uma sociedade sem exploração; ou seja, uma sociedade socialista<sup>29</sup>.

Segundo Popper, num raciocínio bem formado, as premissas são verdadeiras e a conclusão necessariamente deve ser verdadeira. Mesmo supondo que as premissas do raciocínio marxista sobre a *revolução social* sejam verdadeiras, nada nos pode garantir que a história humana caminha inexoravelmente para uma sociedade sem classes, porque as ações humanas são imprevisíveis e alteráveis e porque a própria história se encarregou de desmentir Marx.

Num primeiro momento, Marx observa que a acumulação capitalista resultaria no aumento da miséria da classe trabalhadora. Popper salienta que a lei marxista de que a miséria deve crescer juntamente com a acumulação da riqueza nas mãos de poucos não se sustenta, porque desde os tempos de Marx o intervencionismo democrático do estado fez imensos avanços sociais, contribuindo, desse modo, na melhoria da situação econômica da classe operária. Em países como a Escandinávia, a Checoslováquia (antes do domínio da Rússia), o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, o intervencionismo democrático assegurou aos trabalhadores um alto padrão de vida<sup>30</sup>.

Em seguida, Marx ressalta que a acumulação capitalista resultaria em duas classes antagônicas: a classe burguesa dominante e opressora, de um lado, que representaria a minoria; e a classe trabalhadora, oprimida, de outro, que representaria a maioria. Estas duas classes ao entrarem em conflito crescente levariam necessariamente a uma *revolução social*. Popper observa que Marx se esqueceu do grande número de desenvolvimentos sociais possíveis. Marx, segundo o pensador austríaco, investigou o movimento industrial urbano e esqueceu-se de observar que muitos trabalhadores industriais vêm do meio rural e que isto não significaria que fazendeiros e lavradores sejam reduzidos a trabalhadores urbanos, e que se sentem necessariamente unidos e solidários aos operários urbanos. Isto dificilmente pode nos sugerir que o acúmulo do

29 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, p. 144.

30 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, pp. 194-196.

capital em poucas mãos aumentaria a capacidade de resistência dos trabalhadores<sup>31</sup>.

Por fim, Marx profetiza que a vitória dos proletariados resultaria numa nova sociedade, uma sociedade socialista. Popper observa que não há razão para acreditar na profecia final de Marx de que a *revolução social* levaria necessariamente à união de classes e que esta unidade seria parte da consciência do proletariado. Para o pensador austríaco, mesmo se isto ocorresse, não significaria que o interesse comum das classes não seria afetado por conflitos de interesses entre os indivíduos capazes de dividir os proletariados antes unidos em uma só classe. Para Popper, o mais provável é que os líderes revolucionários que sobrevierem à luta de classes formarão uma nova classe de dirigentes da nova sociedade, uma espécie de aristocracia ou burguesia. Com isto, o terceiro passo do argumento marxista deve ser declarado inconclusivo<sup>32</sup>.

Por fim, Popper observa que Marx foi um racionalista como Sócrates e Kant, porque acreditava na razão humana como base da humanidade, mas que a sua doutrina de que as nossas opiniões são determinadas pelo interesse de classe, assim como a doutrina de Hegel de que as nossas idéias são determinadas por interesses e tradições nacionais, apresou o declínio da crença racionalista da razão<sup>33</sup>.

### **Contribuições da Mecânica Social Gradual popperiana frente à Mecânica Social Utópica**

Frente à mecânica social utópica, cuja racionalidade das ações humanas é conferida por objetivos e metas definitivas, alimentada por projetos utópicos de um mundo novo e de um homem novo, Popper sugere a mecânica social gradual, que se caracteriza por ações concretas por meio de combate aos males existentes na sociedade, ajudando, desse modo, a diminuir a dor e o sofrimento dos seres humanos. O filósofo austríaco sugere que por mais inspiradores que sejam os ideais utó-

31 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, pp. 154-155.

32 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, pp. 144-145.

33 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 2, p. 231.

picos de um futuro distante, de uma sociedade perfeita, as pessoas não devem se ocupar com eles,

Em vez disso, luta pela eliminação de inconvenientes concretos. Ou, exprimindo numa forma mais prática: luta pela supressão da pobreza por meios diretos – por exemplo, através da garantia de um rendimento mínimo para cada pessoa. Ou luta contra as epidemias e as doenças por meio da construção de hospitais e estabelecimento médico de ensino. Luta contra a ignorância da mesma forma que lutas contra o crime. Mas faz isso por meios diretos. Decide o que consideras como piores males da sociedade em que vives e procura convencer pacientemente as pessoas que os podemos solucionar e como podemos fazer. (...) Há problemas urgentes que poderiam ser resolvidos, pelo menos parcialmente; como ajudar fracos e doentes e os que sofrem injustiças e opressões; combater o desemprego, promover igualdade de oportunidades; evitar crimes internacionais, como a extorsão e a guerra urdidas por pessoas, semelhantes a Deus, dirigentes onipotentes e oniscientes<sup>34</sup>.

Popper busca fundamentar a sua noção de dinâmica social gradual na tradição racionalista humanitária da Grécia Antiga que se articula em três frentes: a eliminação de qualquer privilégio, o primado do indivíduo e a concepção do estado como protetor das liberdades individuais<sup>35</sup>.

O primado humanitário do igualitarismo, que vem da democracia ateniense, especialmente com Péricles, consiste na exigência de que todos os cidadãos devem ser tratados com imparcialidade perante a lei. Nem o nascimento nem as ligações familiares e nem o poder econômico podem influenciar aqueles que administram a lei para os cidadãos. Isto significa dizer que o igualitarismo não reconhece quaisquer privilégios “naturais”, embora os cidadãos possam conferir certos privilégios àque-

34 POPPER, *O racionalismo crítico na política*, pp. 9-10.

35 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, p. 148.

les em quem eles confiam<sup>36</sup>, por exemplo, por meio da eleição democrática, ou melhor, por meio do voto.

Segundo Popper, outro princípio racionalista humanitário que tem origem na Grécia Antiga é o individualismo. Talvez mais do que o igualitarismo, o individualismo representou uma fortaleza das defesas do novo credo da ética humanitária. Segundo o filósofo austríaco, a emancipação do indivíduo foi, sem dúvida, a maior revolução espiritual que aconteceu no mundo grego antigo que levou à queda do tribalismo e à ascensão a democracia<sup>37</sup>.

Popper concebe o estado como uma instituição “liberal” e “protecionista”. Para o filósofo austríaco, liberalismo e intervencionismo não se opõem mutuamente. Liberalismo não significa política não-intervencionista, no sentido “*laissez-faire*”, e nem protecionismo, no sentido de oposição à liberdade, de proteção econômica aos interesses de indústrias nacionais contra a concorrência, nem no sentido moralista entendido como tutela moral do estado sobre os indivíduos. Para Popper, liberdade e interferência do estado não se opõem, porque só há liberdade claramente possível se for assegurada pelo estado. O filósofo austríaco reconhece a necessidade de certo grau de controle do estado, sobretudo no que concerne à educação dos jovens, porque é por meio da educação que os eles se tornam capazes de defender a sua liberdade<sup>38</sup>.

Para Popper, as pessoas não devem se ocupar da elaboração de conceitos essencialistas de estado, mas do estabelecimento de seus objetivos buscando conhecer o que se pode esperar dele, pois só assim será possível construir as instituições políticas democráticas capazes de operacionalizar tais objetivos<sup>39</sup>. Popper se preocupa com a institucionalização do poder buscando distinguir dois tipos de governos: **a)** o democrático, que seria aquele tipo de governo no qual as instituições fornecem meios para a substituição institucional dos governantes, sem recurso ao uso da violência, quando eles se mostrarem incompetentes;

36 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, p. 109.

37 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, p. 116.

38 PEREIRA, *Epistemologia e liberalismo*, pp. 126-127.

39 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 1, p. 148.

**b)** o tirânico, que se caracteriza pela impossibilidade de alternância do poder, e no qual apenas revoluções violentas facultariam tal possibilidade<sup>40</sup>.

De acordo com Popper, Sócrates representa o ícone da democracia ateniense. O filósofo grego era um crítico amigável da democracia e não um crítico hostil e totalitário como Platão. Sócrates testemunhou, por meio de seu exemplo e com a sua própria vida, que podemos criticar a democracia e as suas instituições sem ser inimigo delas. A crítica de Sócrates foi democrática e, na verdade, daquela espécie de crítica que constitui a própria vida democrática.

### Considerações finais

Popper buscou inspiração em Sócrates, o maior símbolo da liberdade de pensamento e da racionalidade crítica entre os cidadãos atenienses. O filósofo austríaco, assim como Sócrates, nos interpela a repensar a nossa postura frente ao nosso conhecimento e à nossa ação social e política no mundo em que estamos inseridos. Este exercício é um trabalho individual, ou seja, depende de cada um de nós. Fiel à tradição socrática e cristã, Popper acredita que só o indivíduo, por meio da atividade da razão crítica pode realizar a revolução espiritual. Só o indivíduo tem consciência de sua responsabilidade no mundo, conhece as suas dores e as suas alegrias. No seio da coletividade o indivíduo se perde, torna-se um ser alienado, um “fantoche” manipulado pela tirania do pensamento coletivo, do senso comum. Nos sistemas totalitários, o coletivo é ‘tudo’ e o indivíduo é ‘nada’. O indivíduo coletivista dita o que é normal, o que deve ser aceito ou proibido conforme os caprichos dos que detém o poder.

Popper nos interpela a repensar os nossos conceitos. Fomos doutrinados, por meio da religião e do pensamento social e político a cultivar utopias, a alimentar sonhos de um mundo perfeito, de um homem novo, de uma nova sociedade. O filósofo austríaco nos convida a observar que

40 POPPER, *A sociedade aberta e seus inimigos*, v. 1, p. 149.

por mais belos que sejam os nossos ideais utópicos, a sua efetivação no reino humano da atividade política poderá resultar em conseqüências desastrosas para a sociedade, porque por trás de belos ideais, pode estar latente o germe da intolerância, o “instinto” totalitário dos seres humanos. A própria história é testemunha disso. Quantas pessoas não foram queimadas vivas em nome de santos ideais? O que dizer dos alemães nazistas que, imbuídos pelo ideal de uma Alemanha ariana, buscaram realizar a solução final, que seria a eliminação os grupos humanos que consideravam indesejáveis? O que dizer do sonho dos bolcheviques russos, que, na ânsia de construir uma sociedade socialista, tiveram de derramar tanto sangue? O que dizer dos jacobinos, que, alimentados pelo ideal utópico de liberdade, igualdade e fraternidade, tiveram de rolar tantas cabeças? Ninguém está proibido de sonhar, mas ideais de um futuro distante, de “lugar nenhum”, de “terra do nunca”, não devem passar de sonhos, são abstratos demais. Por outro lado, devemos lutar pelo que é possível, pelo que está ao nosso alcance. Para isto, em vez de olharmos para o horizonte infinito, temos que olhar ao nosso redor. A solução não está num futuro distante, mas no aqui e agora.

O programa platônico de um Estado “tribal”, coletivista e totalitário, infelizmente, permanece vivo entre os seres humanos. Basta observarmos o desenho geopolítico mundial atual para constatarmos que a democracia é “artigo de luxo” de poucos. Por uma questão cultural e religiosa, grande parte dos países orientais, tanto africanos quanto asiáticos vive ainda sob caprichos de ditadores cruéis que ditam o destino dos seres humanos, decidem a vida e a morte das pessoas. Até mesmo nas sociedades democráticas os grupos fundamentalistas religiosos querem impor aos indivíduos e à sociedade como um todo, o que eles consideram certo ou errado, normal ou anormal. Eles negam as liberdades individuais, o princípio da isonomia, segundo o qual todo cidadão deve ser tratado com imparcialidade perante a lei.

Consideramos também que Popper foi mal entendido tanto por setores da direita neoliberal conservadora<sup>41</sup> quanto por parte da esquerda

41 Dizia-se que Popper era o filósofo favorito da primeira ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher, ícone da direita neoliberal conservadora nas décadas de 80 e 90. Era também admirado pelo financista bilionário húngaro, Georg Soros, o seu ex-aluno. Cf. EDMOND & EIDNOW, *O atizador de Wittgenstein*, pp. 223-224.

utópica<sup>42</sup>, ao ser qualificado *neoliberal*. O pensamento neoliberal, hegemônico nas décadas de 80 e 90, considera o filósofo austríaco um ícone, por acreditar que ele foi um defensor do ‘estado mínimo’, da mão ‘invisível do mercado’. É bom salientar que Popper nunca advogou pelo neoliberalismo, muito pelo contrário, ele defendeu o estado liberal e protecionista. A função do estado, segundo o pensador, consiste em garantir as liberdades individuais dos cidadãos e não abandoná-los nas mãos ‘invisíveis do mercado’. Por outro lado, os setores da esquerda utópica que hostilizam Popper por causa de suas críticas contundentes às utopias e por considerá-lo defensor do neoliberalismo conservador também não o entenderam. Concordamos que filósofo austríaco foi um crítico ferrenho das utopias por considerá-las por demais abstratas e por acreditar que elas poderiam levar ao totalitarismo, mas rotulá-lo de neoliberal é, no mínimo, ser injusto e desonesto com um pensador que acreditou nos valores humanitários dos Antigos Gregos, como a racionalidade crítica, o respeito ao indivíduo, a tolerância e o igualitarismo como antídotos contra toda forma de dogmatismo que esteja a serviço tanto da atividade científica quanto da ação política dos seres humanos.

### **Contributions of critical rationalism of Karl Popper to the political philosophy and contemporary social**

**Abstract:** This article presents the contributions of Popper’s *critical rationalism* to the contemporary debate on political and social philosophy. The philosopher Karl Popper intends to ground his thought in the Greek rationalist humanitarian tradition of Socratic inspiration. Socrates represents, for the Austrian philosopher, the *icon* of freedom of thought, the critical activity of reason and the defense of humanitarian values of the Athenian democracy. On this purpose, first of all, (a) we regard the Popperian critique to utopias considered harmful and dangerous when

42 Como representante da esquerda utópica, temos Franz Hinkelammert que, em sua obra *A crítica da razão utópica*, busca associar injustamente o filósofo Popper ao pensamento da direita latino-americana que deu sustentação às ditaduras militares na América Latina, nas décadas de 60, 70 e 80. Cf. HINKELAMMERT, *A crítica da razão utópica*.

one seeks to perform them in the human realm of political activity and, secondly, (b) we present the critique of Popper's program to the utopian ideal of Plato, third, (c) we analyze Popper's critique to the historicism of Hegel and Marx and the resonance of the historicist thought of these thinkers in the totalitarian systems of the twentieth century and, finally, (d) we deal with the contributions of the Popper's gradual social mechanics idea confronted to the utopian social mechanics idea.

**Key-words:** Critical Rationalism – Utopia – Open Society – Gradual Social Dynamics – Utopian Social Dynamics.

### Referências bibliográficas

- BELUSO, L. A. "Subsídio para uma Interpretação do Paradigma Racionalista Crítico de Análise Social". In: CARVALHO, M. C. M. (Org.). *Paradigmas Filosóficos da Atualidade*. Campinas: Papirus, 1989, pp. 101-114
- EDMOND, D. & EIDNOW, J. *O atizador de Wittgenstein – A história de uma discussão de dez minutos entre dois grandes filósofos*. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- MAGEE, B. *História da filosofia*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1998.
- PEREIRA, C. R. *Epistemologia e liberalismo – Uma introdução à Filosofia de Karl R. Popper*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- POPPER, K. R. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974, 2.v.
- \_\_\_\_\_. *O racionalismo crítico na política*. Trad. Maria da Conceição Côrte-Real, 2 ed. Brasília: UnB, 1994.
- REALE, G. *História da filosofia antiga*. Trad. Marcelo Perine e H. C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1993, 5. v.
- SHILPP, P. A. *The Philosophy of Karl Popper*. La Salle, Illinois: Open Court, 1974.